

VI. A fantasia♦

Lídia e a verdade



Boa Noite.

Vamos começar pelo tema da verdade na experiência analítica, depois vamos retomar a entrevista de Lídia do Canções de Eduardo Coutinho, que claramente nos coloca questões sobre a verdade e a mentira nessa vida. A história de Lídia nos ajudar a pensar a posição da verdade na Psicanálise para interrogar o que andamos fazendo com ela hoje em dia, uma das grandes ambições desse curso.

A Coisa freudiana

O texto “A coisa Freudiana”¹ será nossa base para tratar da verdade. Essa conferência de Lacan para psiquiatras de Viena, proferida na Clínica Neuropsiquiátrica de Viena em 7 de novembro de 1955. Publicada in: *L'Évolution Psychiatrique*, 1956. n°1.

O que faz este texto de maneira forte é propor e assumir que o principal centro da experiência freudiana é a verdade, não exatamente aquela no sentido de falso e verdadeiro, certo ou errado, mas a verdade no sentido da *experiência da verdade*. A melhor maneira de entender isso é aproximar essa experiência de uma experiência de certeza. É muito mais a experiência da certeza da verdade do que a experiência da descoberta de uma verdade. Esse é um deslocamento delicado, mas é o centro da ideia de Lacan.

A presença do material inconsciente, o conteúdo do que se relembra em análise vem com uma certeza de que aquilo é verdade. Vem carimbado como verdade. Essa é uma maneira de se apresentar, por exemplo, no sentido de rememoração e recordação de Freud, “eu não tenho certeza se aconteceu! Mas tenho certeza de que é verdade”. É mais importante a certeza da verdade do que a objetivação da verdade e isso para Lacan é o que caracteriza a experiência do inconsciente, o que define a psicanálise.

A experiência da verdade.

Essa maneira de situar a análise nos tira de uma dificuldade da célebre definição de Freud, que é uma ótima definição, “a psicanálise é ao mesmo tempo um método de investigação da mente e seu funcionamento, um sistema teórico sobre a vivência e o comportamento humano e um método de tratamento psicoterapêutico”². E Freud ainda diz que “a psicanálise é uma notável combinação entre investigação e terapia”.

Então devemos dizer que ao mesmo tempo em que investiga você trata, que não é só tratar, é também investigar. De acordo, mas ficamos num jogo dual, e essa divisão leva a dois pelo menos duas concepções meio enganosas do que seria uma análise. A primeira seria “vou fazer

♦ Este texto reproduz o sexto encontro do curso livre do ICP-RJ “O livro de bolso do psicanalista cidadão” ocorrido em 08/12/16 com o título: “Lídia e a verdade”. Transcrição Cida Malveira.

análise para o meu autoconhecimento, já que ela é uma investigação, nem preciso da terapêutica”. Por outro lado, quando alguém vai fazer análise só pela terapêutica, deixa de lado experiências de descoberta e redefinição de si mesmo que fazem parte essencial da coisa. Já a definição de Lacan evita essa gangorra e afirma: “em vez disso, pensem como uma experiência de verdade”.

Quando se tem uma experiência de verdade isso é terapêutico porque encontrar uma certeza reconfigura a vida, dá chão. Ao mesmo tempo, esse chão é feito de um saber sobre si novo. Mas não é só o conteúdo de saber que conta. Por exemplo, “descobri que meu pai me odiava”, se eu ficar na dúvida já acabou o efeito terapêutico dessa descoberta.

Com isso Lacan no seu retorno a Freud, propõe que se releia Freud. A verdade é muito mais o acontecimento da verdade numa vida, do que um encontro de saber específico. Essa verdade é quase um furo de certeza em um mar de possibilidades de saber.

Todo cuidado é pouco para não voltar a opor de novo: de um lado uma certeza sem conteúdo e de outro um conteúdo sem graça. Daí escolhe-se uma certeza enigmática e a análise vira uma seita de iniciados. Não. É mais o encontro de alguma coisa, um fragmento, uma lembrança e a certeza de que essa lembrança fala da minha verdade, mas ela não é A verdade. Se ficarmos só com a verdade sem o saber, ficamos com a revelação silenciosa da religião, “eu sei que é verdade, mas não sei dizer o que é”. Se ficarmos só com o saber, perdemos o sentimento da verdade, ficamos com o verdadeiro-falso.

A experiência psicanalítica é de um saber secundário com relação à verdade. É isso que Lacan quer fazer valer nesse texto.

“A verdade disse: Eu falo”.

Nesse texto “*A Coisa Freudiana*” usa uma maneira de apresentar muito especial de apresentar uma coisa dando voz a ela como se ela estivesse falando, a *prosopopeia*. A verdade torna-se um personagem que vem dizer quem é. É um texto cheio de retórica e fenômenos enunciativos, ele diz, por exemplo:

“(…) Eu a verdade, vagabundeio pelo que considerais como o menos verdadeiro em essência: pelo sonho, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo *nonsense* do mais grotesco trocadilho, pelo acaso, e não por sua lei (…)”.

“(…) [meus caminhos [seguem] também pela ausência do fingimento e pela nuvem inacessível do sonho, pelo fascínio, imotivado e medíocre e pela sedução do absurdo” (p. 412/413).

Ouvindo essa fala, nos aproximamos da experiência da verdade sentindo o que ela é mais do que objetivando, esquematizando suas propriedades, por exemplo. É o método que ele encontrou, fica um texto grandioso e venenoso, em que ele usa toda sua verve.³

Ele trouxe isso de várias maneiras ao longo do seu ensino, não mais ao modo da *prosopopeia*. No texto “*A Ciência e a Verdade*”⁴, dez anos depois Lacan já deu outro lugar para isso, pensou a verdade como objeto. Em “*A Ciência e a Verdade*” o objeto que dá certeza não é mais um conteúdo de saber, mas um pedaço corporal, inapreensível. É seu conceito de objeto *a*, todo um trabalho que ele vai fazer dez anos.

E mais dez anos ainda, em *Televisão*⁵, Lacan diz, “só falo a verdade”, mas para dizer algo como “tudo o que digo tem minha verdade dentro, porque a verdade só existe porque há fala e não porque haveria a verdade dos fatos, só há verdade em uma narrativa”. Por isso ele diz que a verdade é sempre meio-dita, e que a verdade só pode se apresentar como estrutura de ficção, só se encontra como meio-dita. A experiência da verdade é sempre um conteúdo e um algo mais, um dito e um dizer. É uma maneira de traduzir “a verdade é sempre meio-dita”.

Participante: a verdade é não-toda.

Não-toda é outra maneira de dizer, mas não-toda, passa a impressão de que ela é sempre parcial.

Participante: semi-dita.

A tradução do original *mi-dit* pode ser semi-dita, mas parece que é só a metade, como se estivéssemos encontrando só metade da verdade. Parece que é só contar pela metade. Essa articulação paradoxal entre saber e verdade, estão no mesmo lugar onde o saber é um “cavalo da verdade”, mas sem o cavalo não tem a verdade, cavalo no sentido espírita, é o veículo, mas não a verdade. É mais uma versão contingente da verdade. Por isso, a verdade como necessariamente meio-dita não leva a nenhuma disputa de narrativa.

Lidia nos ajudará.

Lídia e a verdade

A história de Lídia é apresentada no *Canções*, que está disponível no *Youtube*.

Lídia: Em 1970, eu conheci um senhor, eu já tinha 04 filhos, era separada, conheci um senhor bom com uma possibilidade financeira boa, e “eu uma possibilidade financeira péssima”, e eu conheci. E nos tornamos amantes. Em 1973 fizemos e parimos uma menina, só que nós fizemos e eu pari sozinha.

Porque a cintura começou a engrossar, a barriga o abdome começou a ficar protuberante, aquela coisa assim da cinturinha fina, do molejo do remelexo, acabou. O neném nasceu, eu fiz uma Cesária, e nessa ocasião também eu trabalhava numa peixaria e era motorista de táxi da Bandeira 2.

Coutinho: Peixaria e motorista de táxi?

Lídia: é que eu trabalhava a noite. Eram 08 pratos de comida por dia, se eu não comesse – 04 para os filhos jantar e 04 para os filhos almoçarem.

Quando eu trabalhava como motorista de táxi, à noite, eu tive que BTTC, no Largo do Machado, onde nasci. Eu conheci a esposa do Tenente Omar, na Rua dois de dezembro e ela arrumou para eu operar, para não ter mais filho. Ai meu corpo voltou ao normal. Voltando ao normal ele, tornou a se apaixonar. Mais, ai eu já não tinha a paixão, tinha machucado muito, tinha doido muito, porque os meus filhos tinha uma vida assim “saiu da fome para a fartura”. E voltou para a fome.

Coutinho: quando ele volta e fica, você não quer que ele volte mais.

Lídia: eu quero que volte, mas agora eu quero mais dinheiro.

Coutinho: o que acontece?

Lídia: acontece que comprei um terreno e fiz a minha casa, fui fazendo mais casas e fui fazendo mais curso. Eu estava falando com as meninas que esse cabelo aqui é tão duro que a água não entra, é carapinha, mas eu sou tão boa profissional que tem até balanço. Não sei maquiagem, mas aprendi a maquiagem, massoterapia, fiz vários cursos. Fiz curso de culinária.

Coutinho: mas ele te ajudou, por exemplo, a estudar.

Lídia: ajudou muito, ele, ele, o homem e o pai da filha. Ele ajudou muito. Mas parece que ao ficar vigarista, ele gostou mais. Até porque também não engravidei, ele agora queria um menino, só que ele não sabia que eu era ligada.

Coutinho: e você

Lídia: mentia que a gente ia fazer o menino. Ele dava o dinheiro para fazer o tratamento, para fazer o menino, eu nunca cheguei para ele para falar que eu precisava de dinheiro, sempre mentia. Fiquei totalmente diferente e ele parece ter gostado mais, ele dizia que eu estava com um quê que ele não sabia o que era, mas que aquela gravidez me fazia muito bem e que eu

devia ter outro filho. Eu concordava plenamente com ele, gênero número e grau “nós vamos ter e agora vai ser um menino”. Vamos programar. E nessa situação toda, consegui fazer a minha casa, fiz uma casa para alugar, fiz outra casa em cima, trabalhei muito.

Coutinho: ele está vivo ainda.

Lídia: Não, tem cinco anos que faleceu. Ele faleceu. Nós ficamos amigos, mas não sei bem como explicar, “um amigo que eu amava, mas não queria mais me deitar com ele”. Tinha vontade, mas não conseguia, ficamos muito tempo, ajudei os filhos dele, vendo colégio, comprando material, ouvindo a mulher que morava com ele chorar, que também já faleceu. Naquela ocasião ela chorava muito porque ele era muito cheio de amantes, ele era tão sem vergonha que arrumava menininhas da idade das filhas dela: “olha só, ele arranja meninas da idade das nossas filhas”.

Coutinho: quantos anos ele tinha.

Lídia: naquela ocasião, eu tinha uns vinte e tal. Quando minha filha nasceu, eu tinha 29, 30 anos, ele devia ter uns 70, mas parecida ter 50. Era novo, um crioulo forte, simpático, farrista.

Coutinho: bonito?

Lídia: muito bonito, cheiroso, ele usava sandálos. (rs,rs)

Coutinho: a senhora gostou mais dele do que ele da senhora?

Lídia: eu gostei mais dele, mais de mim acho que ele gostava mais do sexo. Mais eu gostava dele por inteiro. Todo. Só não dava tanta importância ao dinheiro. Depois eu fiquei gostando do sexo sem conseguir me completar, e gostando mais do dinheiro. A coisa ficou assim estranha.

Coutinho: porque a música?

Lídia: Porque ele botava sempre essa música. Ele tinha um *Cadillac* rato de peixe, azul, que ele comprou numa embaixada, lindo, eu arriava a capota, para subir, eu muito preta, meu cabelo e meu bico muito vermelho, montado naquilo ali fazia muita inveja ali onde eu morava.

Coutinho: ele tinha esse carro?

Lídia: ele tinha. Comprou de uma embaixada.

Coutinho: então ele era bem de vida!

Lídia: muito, muito bem.

Coutinho: você saía com ele no carro.

Lídia: sempre. Eu via filmes da Marilyn Monroe que ela ficava assim num daqueles carros, sentada atrás, loira com aquele xale, jogado uma parte para lá, outra para aqui, as pernas cruzadas. Eu tinha muita vontade de fazer aquilo. Não consegui não, mas até hoje, eu uso xale, é só esfriar um bocadinho que eu uso. Tocava muito essa música no rádio, eu tinha um toca fita, e eu apertava e sempre tocava essa música. Ela canta a música

O tempo vai apagar. Roberto Carlos.

Sempre quando eu venho aqui/Só escuto de você/[Frases tão vazias/Que pretendem dizer/Que já não preciso mais/[Seu carinho procurar/Que não adiantará/Pedir, nem ficar.

Se assim for seu desejo/Não vejo motivo pra contestar/Não sofrerei, pois bem sei, isso passa/E o tempo vai apagar

Só, só levo comigo/A certeza que você/Muito mais que eu terá/Que esperar pra esquecer

Nessa ocasião também – esqueci-me de falar – comprei um revólver, depois desse dia que ele me deixou lá, me recomendando para ir para casa para não pegar gripe, isso era meia noite, uma hora da madrugada, eu morava na Vila Rosali, e estava na Pavuna, andar aquilo tudo ali, eu comprei um revólver, um dia tomei um porre, e fui lá para dar um tiro nele, e falei “eu vou entrar nesse carro” ele falou, “vai”, do jeito que eu estava

transtornada (rindo) entrei no carro, ele acelerou e “vou te deixar em casa e vou embora para casa que tenho compromisso”, eu falei “seu compromisso hoje vai ser no céu” ele falou “porque” eu falei “porque você vai morrer”, mas “pela misericórdia desse Deus que eu odiava” a bala não saiu, eu apertei uma, duas, ele deu uma guinada com o carro, - *voz embargada, emoção mudez, anunciando o choro* – e parou, tentou tirar, mas eu era muito forte, e estava com muito ódio, eu saltei, e fui a pé, não quis ir junto, recusei o carro dele, acho que foi a primeira vez que tive uma atitude, de caráter, “não vou no seu carro não, hoje quem vai a pé, sou eu” – *choro, emoção, voz embargada, sussurra* -” mas já passou né!

Coutinho: quando você cantou agora, aqui hoje, tanta mágoa te dá, uma coisa que passou, como foi?

Lídia: foi muito bom. - *ela se vai, mas se ouve o choro contido atrás das cortinas.*

Lídia I (brainstorming)

Com Lídia vamos ver que a verdade, não é o oposto do falso, da mentira, e ainda por cima é um objeto de desejo. Queremos a verdade, sobre nós mesmos, por exemplo, como queremos o amor. E queremos alguém, muito, quando pensamos que ele tem nossa verdade ou que com ele vivemos nossa versão mais verdadeira.

A história dela pode ser contada na versão da pobre-coitada abusada, por isso, muito honesta, mas por isso se tornou desonesta. Ela poderia também ser contada do outro lado do espelho: ela teria sido, ao contrário, sempre vigarista, e o cara é que teria sido enganado por ela. O que ela traz é muito mais, muito mais complexo e ambíguo do que essa polaridade simplista.

Participante: destaquei uma fala:

Lídia: eu gostei mais dele, mais de mim acho que ele gostava mais do sexo. Mais eu gostava dele por inteiro. Todo. Só não dava tanta importância ao dinheiro. Depois eu fiquei gostando do sexo sem conseguir me completar, e gostando mais do dinheiro. A coisa ficou assim estranha.

Ela gosta do sexo mas não consegue se completar ela usa o sexo por dinheiro.

Participante: ela não consegue fazer uma história linear.

Participante: ela conta uma história de amor, ora ela é vítima, ora ela é carrasca.

Participante: é uma história de amor em dois tempos: uma mulher que na década de 70, com 04 filhos, 27 anos e fala da sua paixão por um cara de 70 anos. Batalhadora, trabalha numa peixaria de dia, é taxista de noite. Conhece um sujeito com uma boa posição financeira, se torna amante dele. Ele tem várias mulheres. Separa-se porque se decepcionou. A versão histórica é ele me fez acreditar no amor e aí me tornei vigarista.

Participante: Ela faz uma escolha pela maternidade, depois de ter visto que o amor não valia. Como mãe ela teria de ser vigarista.

Apaixonada, “muito louca me entreguei e vi que isso não era nada, era melhor eu ficar vigarista para sustentar meus filhos”. Ficamos o tempo todo achando que ela é vigarista e ela goza o tempo todo entregue a isso. É como se fossem histórias paralelas que se cruzam e nunca se consegue dizer qual é mais forte. Podemos dizer que ela está mentindo numa história porque ela é a outra, é uma e está mentindo para a outra, se enganando.

Participante: ela passa a ser vigarista, ele queria ter um filho com ela, ele gosta mais dela vigarista do que antes, quando ela era honesta.

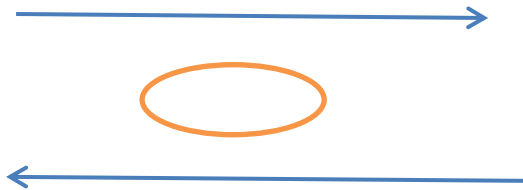
Não há relação sexual, diz Lacan, no sentido de um verdadeiro encontro, perfeitamente encaixado, mas quase que haveria – essa é a versão histórica -, se alguém tivesse feito certo, faltou pouco para dar certo. Alguém decepcionou nunca se tem certeza do que aconteceu de verdade.

Participante: eu me perdi de mim, a verdadeira “eu” era aquela primeira.

Ela não é amante da verdade, mas se ela fosse amante da verdade como os obsessivos ela iria quebrar a cabeça para saber qual era a sua verdade, ela nos ensina sobre o fato que a análise lida com verdades que se cruzam.

O grafo

A nossa tendência a dizer a verdade é consciente, a verdade inconsciente e que a inconsciente que é a verdadeira verdade. Isso não é a experiência da verdade. Lacan tenta organizar sem simplificar desde o começo com seu grafo do desejo. O texto é dessa mesma época e ele tem a seguinte proposta: Pode-se imaginar uma cadeia para a história e outra cadeia de história e a experiência do inconsciente é cruzar as duas linhas, mas o que se vai descobrir é o desejo, que Lacan coloca no meio das duas linhas da cadeia das histórias. Não é nem uma nem outra. É a maneira matemática de Lacan de figurar a experiência da verdade. É um grafo do desejo, mas não tem o desejo em lugar nenhum. Vou colocar entre as duas linhas, “você na análise encontra uma verdade, mas o que importa mesmo é o cruzamento das duas verdades que se encontra como verdadeiro, no lugar do meio”, é uma maneira de traduzir essa experiência.



Estamos nesse espaço com alguém fazendo análise, ou tentando achar sua verdade, encontrando aqui e ali, mas o importante não é encontrar qual é a verdade, mas a experiência da verdade que estamos tentando destacar.

Alguém pode olhar para essa história querendo colocar os pingos nos “is”, e classificar Lídia como mentirosa, mas a maneira como ela traz nos ajuda a pensar como é um sujeito em análise também, não dá para dizer que ele está mentindo quando fala uma mentira, necessariamente, aliás, isso acontece muito com o analista, o sujeito diz “fui lá e contei um monte de mentiras”, mas há a verdade dele na mentira e há mais chance de você aparecer no que inventa do que quando fala o correto e o verdadeiro. Não é porque você está mentindo, é porque na mentira “você coloca mais de você” mesmo que não corresponda a realidade factual. Por isso a psicanálise se afasta da realidade factual, para se localizar entre as suas cadeias: verdade e mentira.

Ato

Nesse entre dois, dela com ela mesma, a tensão aumenta e, não apenas por isso, claro, mas também, ela resolve matá-lo:

(...) comprei um revólver, um dia tomei um porre, e fui lá para dar um tiro nele, e falei “eu vou entrar nesse carro” ele falou, “vai”, do jeito que eu estava transtornada (rindo) entrei no carro, ele acelerou e “vou te deixar em casa e vou embora para casa que tenho compromisso”, eu

falei “seu compromisso hoje vai ser no céu” ele falou “porque” eu falei “porque você vai morrer”, mas “pela misericórdia desse Deus que eu odiava” a bala não saiu, eu apertei uma, duas, ele deu uma guinada com o carro, - *voz embargada, emoção mudez, anunciando o choro* – e parou, tentou tirar, mas eu era muito forte, e estava com muito ódio, eu saltei, e fui a pé, não quis ir junto, recusei o carro dele, acho que foi a primeira vez que tive uma atitude, de caráter, “não vou no seu carro não, hoje quem vai a pé, sou eu” – *choro, emoção, voz embargada, sussurra* - ” mas já passou né!

Tem toda a violência dele com ela, claro, horrível, ele a larga sozinha na rua várias vezes. A gente também tem vontade de castigá-lo para valer.

Ela resolve matá-lo, mas não consegue. Se ela tivesse feito direito ela teria conseguido, ela agiu, apertou o gatilho, mas a bala não saiu. Parece que estamos indo para a realidade e quando vamos para a realidade perdemos a situação analítica. Em vez perguntar sobre o que houve com o revolver, vamos perguntar como ele viveu isso.

Aqui entram muitos vícios terríveis dos psicanalistas. Imaginem que ela está contando 20 anos depois, numa análise e vem o analista e diz: “então você não queria matá-lo”. Não. Mas pode acontecer dela dizer “me lembro agora que comprei uma arma bem velha”, o que importa, seja por que motivo for é se ela tiver uma experiência de verdade e está evidente que ela tem como verdade que só não o matou por acaso. Então é isso.

O grande acontecimento não é se ela queria ou não matar, se ela quase matou, isso é para a polícia. O acontecimento da verdade me parece muito mais é ela ter dito não.

(...) mas eu era muito forte, e estava com muito ódio, eu saltei, e fui a pé, não quis ir junto, recusei o carro dele, acho que foi a primeira vez que tive uma atitude, de caráter, “não vou no seu carro não, hoje quem vai a pé, sou eu”

Caráter, não e sândalo

“Eu tive uma atitude de caráter”, para nós, analistas, o essencial não é se ela tem ou não caráter, quem sou eu para saber o que é isso, mas sim o ato de dizer não que ela sintetiza com essa palavra. Ter caráter é conseguir dizer não para um homem como esse.

Participante: caráter assimilado ao ódio.

Mas ela teve ódio muitas vezes e não dizia esse não. Alguma coisa aconteceu. O que faz a diferença? Se formos pelo ódio vamos dizer que o ódio fez acontecer, muito melhor pensar que esse acontecimento tem a ver com ela, ela é responsável por ele. É o que ela faz aliás. Alguma coisa aconteceu ali, o ódio, a bala, a decisão, tudo junto, mas o que aconteceu mesmo foi ela dizer não.

Participante: a passagem ao ato foi decisiva para ela?

Passagem ao ato, aqui, teria sido ela atirar? Acho que contou muito, mas ela poderia ter atirado e não ter dito não. Poderia ter desistido, o essencial é o *ato de fala*.

“Eu, a verdade, falo”, a verdade dela disse não. Isso não quer dizer que ela é aquela que a partir de agora dirá sempre não. Quer dizer que ela disse um não e que há uma nova verdade desse não.

Dito de outro modo, a vida é sempre mais do que sua narrativa, o real está sempre em excesso com relação ao simbólico, ao que se conta. Caráter, nomeia esse a mais de certeza que vem do real e não do simbólico.

É possível contar uma versão heroica e de superação dessa história e ela merece essa versão. Mas ela que decida a sua versão. Para nós o que importa é que ela disse não, ele não foi irresistível para ela dessa vez. E a pergunta vem: por que ele era irresistível até então?

É parecido com a experiência que temos quando encontramos material inconsciente, tem alguma coisa em mim que estava lá, só esperando para se dizer, essa é a surpresa do inconsciente, “eu não sabia que sabia”. Estou tentando chegar mais perto do que é normal, “eu não sabia que era capaz de dizer esse não”. Mas isso vem como encontro com um saber anterior. Tem alguma coisa que está escrita em mim, que eu nem sabia que estava lá.

Até então aparentemente só estava escrito “não tenho como resistir ao **sândalos**, esse homem me leva, o que posso fazer é mentir, mas eu não posso resistir. O que eu posso é arrancar dinheiro, mas eu não posso resistir”. É um ponto de virada, ela se encontra com alguma coisa dela que passa a nomear como caráter, para além da verdade ou mentira em que ela está, tem a verdade e mentira: “é verdade que não posso resistir, é verdade que preciso mentir”.

Participante: dá para aproximar com a experiência do Gilmar quando ele chora?

Sim, estamos o tempo todo, cercando a mesma coisa, a questão que atravessa todo esse encontro dela, no “o que é uma experiência do inconsciente e o que na experiência do inconsciente depende de uma coisa que está escrita e o que é esse escrito”.

Onde está a verdade?

Quando Lacan apresenta a prosopopeia da verdade, ele tenta trazer o sentido do que é uma experiência de verdade. Ele faz isso para os psiquiatras, de Viena e dez anos depois ele diz “ninguém entendeu nada do que eu estava falando”. Dá para imaginar.

Mas ele não fica desanimado nem se acha louco. É que assume que a verdade de que está falando é tão etérea, tão fugidia que não dá para trabalhar com ela por caminhos comuns. Organizando conceitualmente, **sândalo** é o que Lacan vai teorizar mais tarde como o objeto *a*, objeto causa e o **caráter** é a transformação operada nesse objeto.

Esse é meu desenho, talvez vocês estejam mais ligados na história, no drama, mas pense que o que aconteceu: ela encontrou um caráter nela, ela achava que não tinha nenhum. Nisso, deixou de ser objeto atraído pelo **sândalo** e passou a poder assumir, como sujeito, um não.

Lacan traz a cena com Diana, a deusa, vista por Acteão tomando banho nua e ela lança seus cachorros que estraçalha Acteão.

“(…) é que a verdade revela-se complexa a por essência, humilde em seus préstimos e estranha a realidade, insubmissa á escolha do sexo, aparentada com a morte e, pensando bem, basicamente desumana, Diana, talvez ... Actáion, muito culpado que estás na perseguição à deusa, presa a que se prende monteiro, a sombra em que te transforma as, deixa ir-se a matilha sem que teu passo se apresse - Diana, pelo que eles valerem, reconheceria os cães. (A *Coisa Freudiana* p. 437).

Lacan dizia, “eu sou Diana”, mas não é Diana que importa o que importa são os cachorros, “estou obcecado pela Diana”, “não se liguem na Diana, se liguem nos meus cães. Eles não são tão ferozes assim, não procurem o que eu digo, procurem nas arestas do que eu digo”, “eu, a verdade, falo, mas me encontrem nas arestas, nas esquinas, busque uma saída senão vocês serão estraçalhados pelos cães. Deixem os cães virem”. “Vocês estão querendo me ver nua, mas não é isso que importa busquem a verdade, busquem nos cantos”. Depois Lacan vai falar do bem-dizer, mas nesse momento ele trata assim. Leiam o texto.

Onde encontrar a verdade da Lídia, procure nos cantos, talvez possa ver o caráter lá.

Lacan tenta trazer a experiência da verdade e diz que o problema não é que ninguém entendeu nada, eles não tinham como entender, porque estavam o tempo todo funcionando como se para cada verdade devesse corresponder um saber: “para toda verdade um saber e

para todo saber uma verdade”. Isso para os psiquiatras, neurologista, cientistas, mas para quem pensa assim “para cada verdade um saber” não consegue ver a meio-verdade e meio-verdade é um erro. A verdade o que sobra numa fala verdadeira, ela não existe, a não ser que seja uma outra verdade e para toda verdade tem saber, nisso tem uma verdade e um saber sem nada no meio.



Essa surdez, talvez nos ajude a perceber que naquela época como também nos tempos de hoje nos colocamos como naquela época. Lacan nos anos 50 achou que se ele fizesse um discurso sobre a verdade que os psiquiatras estariam interessados na verdade. O que é a verdade? O que é a verdade tem um mundo na religião e na filosofia e uma briga para discernir o que é a verdade, o quanto é difícil. Os psiquiatras não estavam interessados na verdade, nem nós, essa é a ideia mais contemporânea.

Essa ideia de que existe uma verdade, meio-fala, meio-não-fala, a Diana que é preciso buscar, nós aqui, psicanalistas que estamos interessados em Lacan, “eu vou fazer análise, para encontrar a minha verdade”, mas não está muito em moda essa ideia. As pessoas buscam análise para resolver um problema e acabou. Outra coisa é encontrar sua verdade.

Estamos num tempo em que as verdades não são mais vazias, ou infinitas, a verdade é aquilo que for pactuado nos Contratos. Talvez a nossa surdez seja pior do que a do tempo de Lacan.

A verdade e os Contratos

A categoria da verdade em geral, vocês não percebem como está desvalorizado. Como imaginar a categoria da verdade numa entrada em análise? Entra-se em análise para encontrar a verdade. Onde pensar o valor de verdade em tudo que envolve uma operação como a *Lava-Jato*. O que é a verdade na *Lava-Jato*? A verdade é um contrato de uma *Delação Premiada*, um contrato: “você vai dizer a verdade e vai ganhar tal, se você disser a verdade e eu comprovar que é verdade”. Está tudo no contrato. A verdade não é dizer a verdade, mas “se o que você disser permitir buscar fundos na Suíça, então é verdade”.

Podem perceber como a verdade é um contrato. Nesse caso não tem mais verdade no sentido buscado por Lacan. A verdade nesse caso é se a informação é relevante para que encontrar o dinheiro que foi desviado, isso é a verdade. E está combinado no contrato. Tudo o que posso fazer tem que estar no contrato. Assim, tomo aquela referência do nosso terceiro encontro que é uma discussão sobre isso.

(...) primeiro a contratualização da vida. Tudo se define por contrato. Você tem que fazer o que combinou e combinar direitinho antes (vejam, por exemplo, 50 tons de cinza). É porque o contrato é que decide o que é certo e errado, nenhuma lei superior, no máximo um juiz de segunda instância. Em segundo lugar a obsessão com as cifras. Os números é que vão nos guiar, as curvas e os “dados” tomados como objetivos por si mesmo, como se não houvesse leituras e leituras dos dados. É porque eles têm que ser “o real” senão ficamos muito confusos.

O que faz surgir os mediadores, para resolver as pequenas causas. Justamente passar o contrato para resolver no litígio: “vamos definir quem faz o que, quem se compromete, a partir de agora se tem um contrato de convivência”.

Ao mesmo tempo em que a gente vê o ganho que é descentralizar a justiça ao mesmo tempo você vê a perda que é descentralizar a justiça. O que aconteceu, aconteceu, horizontalização. O mundo ideal tem que ter um fiscal a cada esquina. Não precisa recorrer a uma instância superior, tudo se resolve na base do contrato e a diferença que o contrato define o que é certo e errado, e nada pode ser diferente daquilo que está ali, na verdade não pode ser outra coisa que não aquilo que fica ali decretado.

Isso esvazia a categoria da verdade no nosso sentido.

Participante: o desdobramento do contrato na judicialização agrava isso muito mais. A verdade é só aquilo que está nos autos. O que não está nos autos não é verdade, você sobrepõe ai uma camada, quase física, e a verdade é o que está escrito nos papéis.

Participante: a verdade não é também o gozo de cada um repartido na decisão?

De qualquer maneira, você está objetivando o gozo de cada um. Eu vou fazer assim, assim, não de outra maneira. Pode ser. O contrato é uma distribuição do gozo de cada um, de qualquer maneira você está concordando que tem alguma coisa de um gozo impreciso, não nomeável, pelo menos ainda não, vai ser nomeado. Como “você vai ter a surpresa de uma verdade, se você não pode ter uma verdade, a não serem as que estão definidas”. Esse que é o problema.

Fora as pessoas que acreditam na verdade como alguma coisa a ser revelada, só essas pessoas vão poder fazer uma análise então. Porque o inconsciente é a experiência de uma verdade.

Tenho uma dificuldade se considerar que o inconsciente é uma experiência de verdade, e só, o próprio Lacan diz, “a surdez deles, me fez produzir a verdade como causa”, vejam a resposta que ele dá a surdez dos psiquiatras. Quando ele diz aos psiquiatras, a verdade é a causa, aí então todo mundo quer saber então ele leva os psiquiatras que querem saber das causas no jogo da causa e a causa, “nunca se está nas causas”. Dez anos depois em Televisão, ele já parou com essa história das causas, não é que ele tenha jogado fora, é que ele está avançando numa resistência inconsciente. Ou então ele está querendo “o que mais tem no inconsciente além da verdade como experiência, da verdade como causa, da verdade como escrito”.

A verdade como escrita e o acontecimento da verdade.

Tem qualquer coisa na experiência do inconsciente como experiência de uma escrita que prescinde da experiência do inconsciente como verdade. Ao mesmo tempo em que tento convencer vocês das bases da experiência do inconsciente como verdade, agora eu quero dizer que Lacan nos anos 70, pensou também a experiência do inconsciente não tanto como experiência verdade, mas não é só uma experiência de verdade.

O que Lídia encontrou que tentei apresentar como acontecimento de uma verdade “eu tenho caráter”, mas também pode ser lido como “tem alguma coisa em mim, que não se apaga” que era o que queria trazer hoje, mas do lado da escrita. “O caráter em mim, sempre esteve lá, e ele não se apaga, eu pensei que ele tinha sido apagado, mas nunca foi”. A experiência de apagado ou não apagado é o que quero trazer, mais para o lado da história da escrita. Um pouco mais material comparado com a ideia de “eu tenho caráter”. Outra coisa é: “eu tenho alguma coisa que não vai mudar”.

Não é uma oposição, estou opondo para entendermos.

Participante: esse não da personagem, tem ai o caráter de encontro. Encontrou com o próprio “não”. Foi uma experiência aleatória, mas contingente. Mas ao mesmo tempo, teria alguma coisa de acontecimento. Tem essas características, tem alguma coisa de encontro e também o que é da ordem do inconsciente, a questão do caráter.

Tentem imaginar que foi a primeira vez que ela teve essa experiência de caráter, de dizer não – estamos forçando um pouco – ela não fala isso, eu imagino que se perguntássemos “e ai o que você fez isso? Ela responderia, foi só uma vez. Não dá essa impressão, a impressão que passa é que ela diz “aquilo mudou minha vida”. Não porque ela ganhou um a mais, porque nada muda se você ganhar um a mais. Quando se diz “eu aprendi”, significa que você vai reconfigurar quase tudo. Eu estou traduzindo isso como “estava lá em algum lugar”. Talvez ela não dissesse assim. “Ah”! Já estava lá. Eu descobri alguma coisa que eu tinha”. Mas, muitas das vezes para dizer que alguma coisa fez parte de se ser, você retroativamente dizer que fez, essa é uma experiência na análise. “Eu não sei se vivi isso mas tenho a impressão que vivi isso, eu sou assim”, é como você dizer, “estava lá”. Isso é frase “eu não sabia, mas estava lá”, é o que estou traduzindo como “está escrito”. Eu quero que olhemos pelos dois ângulos.

A experiência do inconsciente e a escrita

Lacan enfatizou a abordagem da experiência do inconsciente, a partir da escrita e não tanto a partir da verdade, a partir dos anos 60.

De qualquer maneira em todas elas, nunca é a partir do sentido, a verdade está entre duas cadeias de significante e significação. Na verdade é, excede a significação, verdade e mentira, excede ao sentido, depois vem o objeto a , ele também está fora do sentido e depois os traços de escrita que Lacan vai reunir no conceito de sinthoma, quando ele chega perto da letra também excede o sentido.

Mas a cada parada de uma dessas três, a clínica, o trabalho dele, tudo ligeiramente, e se quisermos fazer como um *Deltan Dallagnol* da vida, parece que só lá na frente vai poder chegar em algum lugar. Um sujeito absolutamente contador. É difícil falar para ele da verdade, a não ser a que está nos autos. Qual é a causa disso tudo? Ele não quer saber da causa, ele quer saber onde está o dinheiro. Porque essas pessoas são tão corruptas? Ele não quer saber disso, ele quer é colocar na cadeia. Não tem pergunta.

Nesse espaço é que talvez tenhamos que olhar para a dimensão do inconsciente como escrita, chegando aos detalhes até porque na clínica pode acontecer. Mas não é dizer que a verdade não existe mais e nem que está e nem que uma coisa é compatível com a outra.

A verdade está impressa na carne.

Esse texto de 1950, “a verdade está impressa na carne” (p.416 Escritos), eu não sei se Lídia ajuda, mas por isso eu disse que ela encontra alguma coisa que já estava lá. Ela sente que é como se fizesse parte do corpo dela. E não: “Ah! descobri uma coisa teórica, eu sempre quis dizer esse não, eu sempre senti essa vontade de dizer esse não e consegui”. Sempre esteve lá ou não. Só que não conseguia colocar a coisa para fora, “quando eu consegui, eu vi que tinha”, é a maneira de dizer que está impresso em algum lugar. Para Lacan é “a verdade está impressa na carne.

Lacan diz que a experiência da análise é onde vamos encontrar a experiência da verdade, é uma experiência com texto, “você precisa navegar no texto da experiência, para poder buscar as arestas”. Temos que navegar no texto da experiência para não ficar buscando o conteúdo.

Quando ele diz que é um texto e que está impresso, as letras desses textos estão impressas em algum lugar, uma impressão do significante.

Participante: o caráter em oposição com vigarista, como se ele estivesse marcada pelos dois no corpo dela.

Colocando assim, a letra vai ser o que um significante nunca é. Quando ela diz “foi à primeira vez que tive caráter”. Quando vamos para a clínica tudo fica mais rico.

O caráter, podemos localizar no primeiro e vigarista no segundo vetor.



Você está dizendo, “não, é outra coisa? Essa outra coisa, Lacan diz “é a verdade etérea”, depois ele diz, “essa coisa que sou entre caráter e vigarista que acabou de se apresentar quando eu disse não, eu pensava que era uma coisa só, mas quando eu disse não, alguma coisa funciona entre os dois, essa coisa é o sujeito, seu desejo”. Uma hora ele diz “se procurar bem é um objeto, um resto”, mas nos anos 1970, Lacan vai dizer que dizer que “essa coisa está escrita”.

Vamos andar um pouquinho mais: os médicos também dizem “está escrito”, está no DNA, só que é um outro tipo de escrita, uma escrita, por exemplo, que não se conta, não é uma escrita no sentido, vou encontrar uma escrita.

Para começar, essa historia de escrita é uma analogia, não tem em lugar nenhum, uma analogia com o que chamamos escrito, ou é um aspecto da linguagem, que nos tratamos como escrito. Esse aspecto da linguagem está na linguagem, é a fala, e tem a escrita. Essa maneira de lidar com a escrita é que Lacan vai lidar cada vez mais e uma das coisas que ele esclarece é, “não pense essa escrita um decantado da fala ou a precipitação do significante, não pensem que essa coisa que está escrita, está escrita porque alguém falou e ai escreveu, pensem a escrita de outro jeito, como alguma coisa que está mais você vai ter que produzir, numa escrita daquela escrita, senão você não vai ler”.

Bem, no nosso percurso partimos da verdade, a desvalorização da verdade no mundo dos contratos, da valorização primeiro da verdade para a experiência do inconsciente, desvalorização da verdade para a ciência, o avanço de Lacan no sentido da verdade como objeto a , objeto impossível, depois a verdade como escrita ou alguma coisa que vai ter que colher numa rede de escrita. Não é que você vai escrever, diz Lacan, a verdade está lá, vai ter que ser colhida. Vai ter que escrever alguma coisa na análise que vai dar um lugar para essa verdade, de alguma maneira se está escrevendo, mas não está escrevendo a verdade, escrita *lato senso*.

A escrita fala da precipitação do significante

O que é essa verdade? Primeira coisa que podemos dizer que não é pelo sentido, desde o começo já não era pelo sentido. Temos de lidar com a escrita como alguma coisa que permite mexer com coisas fora do sentido. A primeira coisa que precisamos fazer para pensar a escrita desta maneira é largar a ideia de que a escrita é uma inscrição de sentido, que é o que vamos

dizer o tempo todo. Temos que desfazer essa ideia para trabalhar a ideia de escrito em Lacan nos anos 1970.

Todo mundo acha que a escrita é, eu falo para registrar e escrevi. Para Lacan a inscrição da fala, a precipitação do significante, a escrita como impressão, eu falo e imprimo um corpo, a letra, mas não é a única dimensão da escrita na linguagem, ela vai mais longe do que isso, se tratar a escrita assim, não vamos conseguir lidar com a verdade, porque a verdade não está fora do sentido ela está fora da fala do que a fala tem de sentido, temos que procurar o que a fala tem de não-sentido. Se procurarmos pela escrita achando que a escrita é uma produção de sentido, não vamos encontrar nunca.

Participante: o que seria lalingua?

Lalingua é um conceito para lidar com essa escrita da linguagem.

Eu teria muito a dizer, mas vou partir para a clínica trazendo dois casos. Pensem que isso tem articulação com a escrita, com a literatura, poesia, não estamos falando de coisas do outro mundo, a linguagem realmente tem muita coisa dentro dela, uma coisa é a capacidade de comunicação outra coisa é a capacidade de ser outra coisa é a capacidade de fixar uma coisa, ou pelo menos, ler coisas fixáveis. Isso seria a escrita o que não quer necessariamente dizer que essa fixação é a fixação da fala. Vou falar de um exemplo que já citei algumas vezes.

A escrita como impressão

É o caso da menina que, pequena, vê o pai adormecer em seu colo e, incapaz de se mover porque era um pai que ela não via nunca, não consegue acordá-lo, fica imóvel por longo tempo. Quando ele acorda e se levanta, ela tem em sua coxa a orelha do pai marcada em vermelho.

Isso que é a escrita para nós, achamos que na clínica o outro escreve na gente o seu desejo, quando ele escreve o seu desejo, eu sou o que sou porque ele escreveu.

É assim que a gente entende que é o trauma, lidamos com o trauma na versão da escrita impressão, a escrita como impressão. O Outro imprimiu em mim o seu desejo, quando pensamos assim, o que podemos fazer? Voltar lá para apagar ou voltar par antes disso para poder apagar ou então se conformar.

Seguindo esse raciocínio essa moça encontra o traço fundamental esse não é o traço fundamental, meu traço, esse é meu trauma fundamenta, encontra o traço, mas a pergunta pode ser: e agora? Eu tenho que aceitar eu vou estar sempre numa posição de paralisia diante de um homem que goza, sempre do mesmo modo, como elemento, primeira marca de sua eterna decepção com os homens. Seria uma leitura? O Outro goza e quando ele goza eu estou parada. Não posso gozar com ele, não posso gozar sem ele. Essa é uma leitura da escrita como impressão.

Quando pensamos que vamos fazer análise para encontrar o trauma, é isso para tentar apagar, mas não se apaga, então uma análise é assim, ou vou chegar e me conformar, ou vou chegar e forçar apagá-los. Para podermos imaginar em fazer outra coisa com isso, temos que lidar com isso de outra maneira e não da mesma maneira.

Participante: a chegada à cena do trauma, isso não é uma construção. Estava lá e ela descobre.

Tem um valor, mas acho que você já está se referindo a outra escrita. Quando se pensa que é uma impressão, não tem valor de artefato, está chegando lá para fazer uma construção, estava caricaturando com o ato, vai buscar, buscar e buscar e encontrou. Fica parecido com “encontrei o gene da depressão”, fica parecido que estamos criando um gene –TDAH -, encontrei o gene do meu pai e pronto. Mas não resolve, você pode dizer, mas quando vamos

fazer análise, vai vendo isso pelo lado do artefato, porque está juntando várias coisas, o que importa é a verdade daquilo e não tanto o que está escrito.

Participante: parece uma benção, uma sorte, encontrou a causa. Libera de alguma maneira. Modos de se colocar na vida ligada a uma marca e você foi lá e descobriu qual é, o contraponto seria num final de análise o que se escreve. Não é a contingência de um encontro, não é que o pai deitava com a orelha, mas mais um esforço de traduzir isso em alguma materialidade, mas tem um trabalho decidido, nesse sentido, não é alguma coisa que se escreve no corpo, mas um trabalho que se faz de construção a partir disso.

Nós estamos falando a mesma coisa, não é isso, não é só assim, temos muitas maneiras de dizer o que é que a gente faz com isso em análise, mas sabemos que não é encontrar a letra escrita, e aí pronto encontrei, é uma benção e aí podemos dizer isso de várias maneiras, você está dizendo que precisa ser feita uma construção, relativiza, a gente encontra isso como uma borda, para o outro lado não tem mais nada, e ficamos na borda, outra maneira de dizer, tem haver com Andreia Beltrão - a personagem trabalhada no último encontro .

Para lá, não tem mais você, então você ganha um horizonte, chegou na borda, tem muitas maneiras para dizer disso.

O que estou querendo é examinar isso da maneira de entender como se inscreve, o que é aquele escrito? Essa é a mais clara do sentido, essas outras que você está usando, é um campo de retórica. E é o que acontece com a gente, na sociedade na Escola, “alguém fala de um jeito” e a interpretação é: ele falou. Uma discussão clínica, se alguma encontrou uma discussão boa para aquele negócio, todo mundo concordou, mas Lacan quer fazer um pouco mais de matema, então ele vai propor outras coisas para dizer isso sem contar tanto com a retórica. No final o que Lacan está falando é “fazer análise é uma retórica”.

Quando estamos entrando com a *Lava-Jato*, não tem retórica, porque ninguém quer saber, quando estamos buscando a formulação melhor, vocês me ouvem porque tem uma suposição de saber, sem uma suposição de saber não é nada. O que é que tem? Tirando a suposição de saber o que tem sobre esse final dessa escrita, tirando o sentido dela. Como é isso? Lacan vai trazer os nós, vai tentar outra coisa.

A ideia de que o escrito que você não vai ler que vai encontrar o que vai encontrar é a certeza do que está escrito, mas não o escrito, para fazer acontecer a certeza, tem que escrever, esse é o paradoxo.

O texto “Ler um sintoma” do Mille⁶, o *sinthoma* vai ser o nome desse traço fundamental ou letra se quiserem. Letra de gozo, essa letra nunca vai ser encontrada, mas vai ser possível escrevê-la, e quando se escreve, vai poder ser dito “está lá”, isso é o que estou chamando a Lídia ao falar não, ela estava escrevendo alguma coisa que era do Outro.

Participante: posso falar em letra, mas não posso falar em objeto *a*.

Depende da situação, esse exemplo não é o melhor para falar em objeto *a*, mas serve.

Participante: ou pensaria o objeto *a* como algo que está escrito.

No caso do caso clínico acima, a paciente pode trabalhar essa cena muitas vezes e ficar como uma espécie de vermelhão, mas o vermelhão não é o objeto *a*, tem alguma coisa na minha pele “um tremor” como no testemunho de Marina Recalde, tem uma alergia, tudo isso já é essa coisa se apresentando como coisa, é a versão do objeto *a*, versão borda, é o cheiro da Alcedina, um vermelhão, já não é mais a orelha do meu pai. Está indo para a borda, pode ser feito isso passando por outro caminho, esse é o caminho de Televisão, que Lacan indica o que está impresso na carne desde que não pensar como impressão.

A marca escrita no corpo

O caso da menina, novinha, sai do banho, a mãe grosseira, mora no interior. O seio dela cresceu rápido e apresenta estria, uma marca vermelha, a mãe olha a marca e diz: o que é isso, alguém te arranhou? A menina fica paralisada.

Se vamos para o lado da mãe, alguém lhe arranhou, marcou, ao relatar o caso ela diz: mesmo naquela hora, eu tinha certeza que não era aquilo que minha mãe falava, mas eu não sabia o que era. O que era aquela estria?

Tem alguma coisa ali, mas ela não sabe o que é, pode usar o saber da mãe, e se alienar, ou pode resistir e ficar inibida, não querer saber disso, vai estudar exatamente o que aconteceu nesse caso, saber tudo sobre estria, mas aquela coisa, essa, está escrita, é essa escrita como impressão. Ninguém imprimiu, mas está lá.

Tentemos imaginar a experiência para a pessoa, “uma menina do interior, agoniada com seu próprio corpo, nem tinha visto direito uma estria e a mãe aponta: o que é isso?” A mãe viu uma marca vermelha. Não tem saber, não tem nada, está ali e não se apaga, é desse tipo de escrita que estamos falando.

Nada fez aquilo ali se inscrever, não foi o desejo de ninguém, não foi maldade do Outro, pelo contrário, o Outro é que vai ler. Quando Lacan começa a falar da escrita no último seminário é desse jeito, “tem alguma coisa em você que é você”, e você não vai poder ler, a não ser passando pelo Outro, se passar pelo Outro, vai perder um pouco do que está ali, então o que se faz? produz a sua leitura daquilo, com os materiais do Outro que você tiver. Isso é um final de análise.

Ou se produz uma leitura, transforma aquilo numa escrita, aquilo ali não era uma escrita, era só uma coisa.

Participante: pode pensar isso como trauma.

Da maneira que a gente coloca você pode ver que o trauma está como fala, eu não consigo mais chamar de trauma? Se não se consegue tirar a palavra trauma da ideia de uma ação, de uma impressão, então essa cena não fala de trauma, se você quiser chamar de trauma, pode, muita gente chama, mas o que fazemos é chamar de acontecimento de corpo.

A transmissão do sintoma como Acontecimento de corpo

O que Lacan chama de acontecimento de corpo precisa ser muito bem explicado. Acontecimento no sentido de um acontecimento de trauma, mas não é um acontecimento que tem sentido, só um acontecimento corporal, mas o sentido vem imediatamente. Eu prefiro não chamar de trauma, mas tem muita gente boa que chama, é uma maneira de não se perder Freud também. Freud chamou de trauma, não tem outro nome.

Mas quando Lacan promoveu a transmissão de sintoma como acontecimento de corpo, ele chama de um gozo que não passa pelo Outro, necessariamente. O gozo do Um, mas claro que está completamente ligado porque se não tiver um mínimo de leitura, mas colocando a mãe num segundo momento, na verdade ela está no primeiro, e o olhar da mãe “o que é isso minha filha?”, mas o que a mãe está vendo já estava lá, enquanto que na clínica, o tempo todo e na teoria, temos a impressão de que é uma coisa que o Outro fez. Lacan nos ensinou que o Outro é prévio, vimos ao mundo com um polo de atributos, isso tudo é verdade, mas tem uma coisa que não se chega com isso, esse chega só vamos poder falar com o escrito. É alguma coisa que está lá e se você produziu uma leitura é uma escrita, se não produzir uma leitura não é nada.

Participante: a leitura se produz com o Outro.

Mas, a coisa lá é e não é do Outro, o acontecimento de corpo é e não é do Outro, é contingentemente, uma letra caligráfica pode ou não ser uma letra.

Participante: ela é contingentemente letra.

Participante: o objeto a, também é e não é?

A verdade como experiência também. Estamos buscando referências experimentando usar o jogo retórico, nos dá uma certa liberdade com os sentidos do Outro. Dá uma possibilidade de pensar que o Outro e que pode ser. Contingentemente, talvez possa ter outra construção contingente. Vai ter liberdade com relação as verdades também, com sua própria vida, é uma espécie de ritos com seu próprio inconsciente.

Talvez isso seja importante num mundo em que todo mundo é corrupto. Tem qualquer coisa na análise que é uma espécie de saldo cínico, “um saldo cínico” na expressão de Lacan, e Lacan também falou como era um perigo ir para a análise e não fazer análise. Sujeito que menos ainda acredita nas coisas, mais corruptos. A análise mexe com isso. A verdade é contingente. É um perigo, mas Lacan fala que “os canalhas ficam burros”, então eles não conseguem ver outra coisa. Temos exemplos de canalhas burros que parece que fizeram análise. Estamos brincando, mas Lacan no “O seminário 7: a ética da psicanálise e em Televisão, “parece um perigo oferecer análise aos canalhas porque eles vão ficar mais canalhas, há qualquer coisa cínica nos seus valores, nas suas verdades, não se fica vigarista porque está ligado no seu acontecimento de corpo, mas se ficar na página quinta do manual de análise, talvez se vai embora as verdades são relativas.

Mas Lacan diz que é perigoso fazer psicanálise porque fica burro. Mas é verdade, senão tem onde se agarrar, qualquer coisa é qualquer coisa, não vai conseguir produzir nada. É procurar a verdade, está ligado nessa verdade, mas vai procurar pela verdade, para investigar, mas se você não está ligado na verdade e as verdades são relativas qualquer coisa, fica burro.

Precisamos do desejo, verdade, para poder aprender. Se você se solta do desejo e verdade só, fica religioso. Só quer saber a verdade, e as pequenas verdades não importam então como encontrar a verdade? Nas leis, no silêncio, na natureza, na fala do pastor, na meditação, ficar só com a verdade é ir para a religião. Ficar só com as verdades é ficar no mundo dos contratos. O acontecimento da verdade como escândalo dá um lastro para essa ideia de que a verdade está no ar, parece necessário se lidar com essa escrita que está lá, é preciso produzir a escrita que está lá.

As referências sobre a escrita podem ser encontradas no “O seminário 23: *O Sinthoma*” “Notas passo a passo, do Miller sobre o seminário 23”. Miller retoma Lacan e Derrida. Isto tudo tem haver com Derrida, também, a proposta dele é, não vai encontrar essa coisa escrita, vai passar a vida tentando, e acaba produzindo uma verdade possível que aquela escrita – Derrida chama isso de traço. A proposta de Lacan é “está escrito em você”, não é “não está escrito e você tem que mostrar a cada vez que não está escrito”, para cada vez como está, só que tem que saber que a cada vez se está mostrando contingentemente alguma coisa que tem no contrato. Então vai escrevendo a cada vez. E ri um pouco do trauma.

O livro do Laurent “*O avesso da biopolítica*” no último capítulo ele nos dá uma boa referência sobre isso que estamos falando. A ideia de produzir uma escrita daquilo que está escrito. É um convite para trabalharmos mais essa ideia da escrita.

(...) trata-se de uma formulação mais precisa do que aquela feita por ele anteriormente a esse respeito da performance psicanalítica, quando enunciava suas regras: “esse tempo consiste em fazer o paciente esquecer que se trata apenas de falas (*paroles*), mas que isso não justifica

que o próprio analista o esqueça” (Lacan, 1958b: 586). Esse esquecimento de partida só pode se sustentar da performance do analista, mantida ao longo de toda a análise, até que esse esquecimento não seja mais necessário e o sujeito suporte encontrar “a mercê da contingência” (Miller, 2008), sem o suporte de seus significantes mestres e sabendo suficientemente ai fazer (*sachant suffisamment y faire*) com os discursos estabelecidos, a fim de não esquecer sua particularidade subjetiva, tal como esta se desvelou por meio de rezonares (*résons*) sucessivas. (p.229).

O real do inconsciente se escreve na contingência

Para concluir de alguma maneira a nossa política, nesse mundo de *Lava-Jato*, não é possível que não tenha um valor que possa ser prático, a ideia de que as coisas não se apagam. Aquela estria tem alguma coisa lá, que não se apaga do corpo dela. Pode ser feita uma cirurgia estética, mas de qualquer maneira não se apaga aquele acontecimento, a marca, a ideia de as coisas que não se apagam talvez situa a condição do analista nesse mundo. E essas coisas que não se apagam ele é quem vai mostrar. Ninguém vai ter, mas “você pode produzir” uma versão disso que não se apaga.

A política da psicanálise não é a verdade nesse mundo, senão se torna religioso, mas há coisas que não se apagam. E como é que se encontram coisas que não se apagam? Às vezes, se rezar direito, agir na hora certa, traz para cá. Passa do impossível para o contingente, o que era impossível se tornou possível, se mostrou, disse, mas na contingência. Pensamos sempre a contingência do lado do necessário. Na hora que se disse, agora sempre posso encontrar, não, você disse e se perdeu. Aquilo que naquele momento foi o encontro com a verdade, dali a dois minutos pode não ser mais, mas continua impossível. Esse paradoxo do contingente e impossível é fundamental, o mais fácil de entender isso é pensar como time, é a hora certa, “você vai capturar o real do inconsciente, numa rede de escrita, no momento certo. É isso. Ai você consegue. De dá certeza do que você falou a verdade, só que dai a cinco minutos quando for perguntado o que é, não se consegue reproduzir. Não é porque perdeu, é porque é assim mesmo, quando se fizer isso com o gozo nua análise, vai continuar fazendo, o real do inconsciente, escreve na contingência.

O impossível que não cessa de não se escrever, cessa de não se inscrever, mas volta a não cessar de não se inscrever.

BIBLIOGRAFIA

- FREUD, Sigmund. Dois verbetes da mente e seu funcionamento.
LACAN, J. Os Escritos. (1998). *A Coisa Freudiana*. Rio de Janeiro: 1999. JZE. p.402
_____. *A Ciência e a Verdade*. Rio de Janeiro: 1999. JZE. p. 869.
_____. *Televisão*. Rio de Janeiro: JZE. (1993)
_____. *O Seminário, Livro 7: a ética da psicanálise*. (1959-60). Rio de Janeiro: JZE. (1997).
_____. *O Seminário, Livro 23: O Sinthoma* (1975-76). Rio de Janeiro: JZE. (2007).
LAURENT, E. *O avesso da biopolítica*, Rio de Janeiro, JZE, 2016.

¹ Lacan, J. Os Escritos. (1998). *A Coisa Freudiana*. Rio de Janeiro: 1999. JZE. P.402. Ampliação de uma conferência proferida na Clínica Neuropsiquiátrica de Viena em 7 de novembro de 1955. Publicada in: *L'Évolution Psychiatrique*, 1956. n°1.

² FREUD. Sigmund. Dois verbetes da mente e seu funcionamento.

³ E ainda ridiculariza os psicanalistas da época: “consideremos então que os gênios das origens, os gigantes da poltrona [os psis], foram atingidos pela maldição prometida às ousadias titânicas, seus assentos deixaram de serem condutores da boa palavra, de que eles se achavam investidos ao se sentarem ali” (p. 414).

⁴ Idem. *A Ciência e a Verdade*. “Estenografia da aula de abertura do seminário que realizamos no ano de 1965-66 na *École Normale Supérieure*, sobre *O objeto da psicanálise*, como *chargé de Conférence* da *École Pratique des Hautes Études (VIª seção)*”.

Seu texto saiu no primeiro número dos Cahier pour l'Analyse, publicados pelo Círculo de Epistemologia da ENS, janeiro de 1966.

⁵ Idem. *Televisão*. Rio de Janeiro: JZE. (1993).

⁶ Jacques Alain-Miller apresentou no final do Congresso da NLS que se realizou em Londres, nos dias 2 e 3 de abril de 2011, o tema do próximo congresso que acontecerá em Tel-Aviv, em junho de 2012. Texto estabelecido por Dominique Helvoet, não revisado pelo autor. ampblog2006.blogspot.com/.../jacques-alain-miller-ler-um-sintoma.html